

O Alto *da Santidade*

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO
1 DE JUNHO DE 1979



**“Libertados do pecado,
fostes feitos servos da justiça”**

—Romanos 6:18



A escassez de matéria prima transformou a sociedade moderna no mais alto expoente da imitação. Dos alimentos ao calçado que usamos, há um crescente número de ingredientes e produtos artificiais que nos deixam surpreendidos: manteigas em que não entrou leite; laranjadas em que não entrou laranja; couro em que não entrou pele alguma de animal.

Até diamantes já vêm classificados de *sintético*, em oposição a *puro*.

Mas nem por isso esquecemos o nosso apego ancestral ao que é puro. Nem nos permitirá fazê-lo a publicidade que dia a dia nos oferece, a preços assustadores, produtos com o sofisticado rótulo de puro.

Ecoa dentro de nós um apelo para a pureza. Mesmo os mais dissolutos na conduta ambicionam o imaculado.

Não se trata aqui de memória biológica, mas de natureza espiritual enraizada em Deus que é todo puro.

Na sua lista dos verdadeiramente felizes de qualquer era, Jesus Cristo apresenta um grupo controverso: "Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus" (Mateus 5:8).

A apresentação do grupo — os limpos de coração — é argumento de peso a provar a sua existência. Todas as nossas interrogações quanto à sua possibilidade ficam aqui respondidas. Sim, há limpos de coração.

Mas, em que grau? — perguntará o que nega a possibilidade de pureza em criatura humana. Para já, convém notar que em grau suficiente para os padrões de Jesus Cristo. Ele, que conhece todos os segredos da estrutura

humana, não hesitou em declarar a Sua convicção de que existem pessoas puras.

Mas Ele qualificou a pureza a que Se referia. Disse: "Bem-aventurados os limpos de coração."

Alguns idealizam esta pureza como o estado da perfeição absoluta. Criam padrões impossíveis para si próprios e para os outros. Jesus Se referiu à pureza de coração: desejos e afeições refinados por uma Presença íntima que tempera a vida inteira. Mesmo que as limitações do corpo e da nossa estada na terra dificultem a expressão total dessa pureza, a vida reflecte a sua presença nas forças que nos fazem agir.

Não é a pureza do resultado final duma intenção, mas da causa primeira dos nossos actos.

Os *limpos de coração* representam mais que uma classe de privilegiados: são as únicas pessoas que verão a Deus.

Se, pois, a ambição de entrar no céu é universal, torna-se logo universal o requisito de Jesus para mim e para você: pureza de coração.

"Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus".

□

um grupo controverso

Jorge de Barros

PENTECOSTES, HOJE!

—Orville W. Jenkins
Superintendente Geral

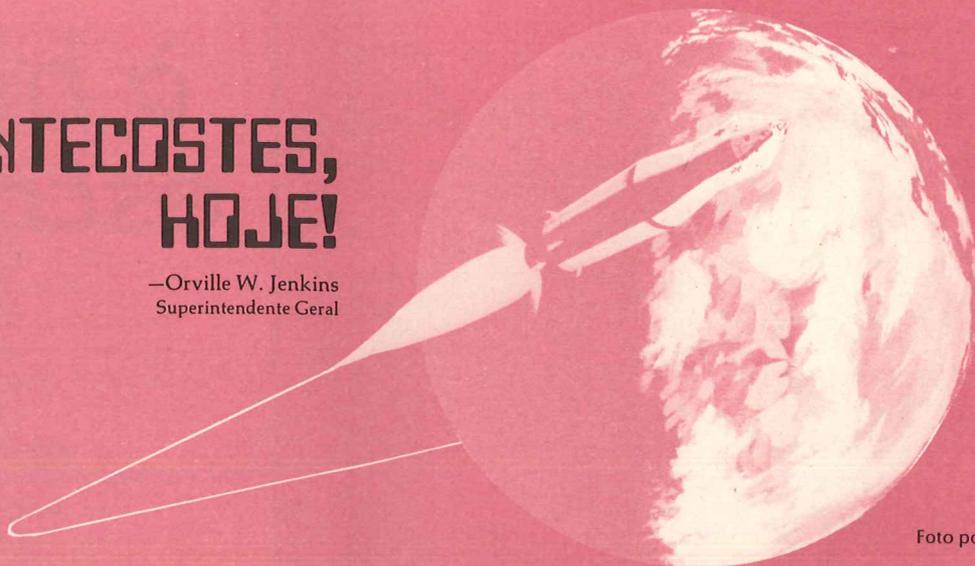


Foto por NASA

O dia de Pentecostes narrado em Actos, depois da ressurreição e ascensão de Jesus, assinalou um acontecimento extraordinário. Verificou-se nele a efusão do Espírito Santo sobre os corações e vidas de um pequeno grupo de seguidores de Cristo, reunidos no cenáculo em Jerusalém.

O Espírito Santo já estava no mundo, mas não com o Seu batismo de poder. João 7:39 declara: "O Espírito Santo ainda não fora dado, por ainda Jesus não ter sido glorificado".

O homem do século XX descobriu e utilizou a energia nuclear. Mesmo tendo existido sempre na estrutura da terra, teve de ser descoberta e aproveitada. O Espírito Santo já antes estava no mundo; mas, Jesus, quando subiu ao céu, enviou-O no dia de Pentecostes como batismo de poder purificador e santificador sobre os discípulos reunidos em Jerusalém. Foram então abertas comportas da presença e poder do Espírito Santo!

Não é fácil encontrar palavras para descrever o que aconteceu nesse dia às pessoas que se encontravam no cenáculo. Lucas usa analogias e ilustrações. Não era vento ou fogo em sentido literal, mas poder e presença semelhantes à força do vento e à purificação do fogo.

Com a vinda do Espírito Santo os discípu-

los receberam novo ânimo. Pedro pregou sem qualquer receio. O Pentecostes marcou uma mudança, uma revolução espiritual. Voltaire disse: "Se Deus não existisse, seria necessário inventá-LO". Se a ressurreição e Pentecostes não tivessem ocorrido, seria necessário inventá-los para explicar o tremendo poder espiritual que possuíam os cristãos da igreja primitiva.

Esses cristãos cheios do Espírito receberam poder para comunicar as boas novas do Evangelho de Cristo. "Ajuntou-se uma multidão e estava confusa, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua" (Actos 2:6). O Dr. William Barclay diz: "Os discípulos receberam o poder do Espírito para comunicarem a mensagem do evangelho, de modo que penetrasse no coração de homens e mulheres de diferentes procedências e costumes".

A manifestação da presença e poder do Espírito revelados no primeiro Pentecostes, repete-se todas as vezes que há corações predispostos e vidas consagradas a Ele.

*Sim, é para todos já;
Quem o busca achá-lo-á.
Sobre a Cruz Cristo expirou
E esta bênção lá comprou,
Oh, sim, e p'ra dá-la a todos já!* □

(G. D., 213)

Volume VIII
1 de Junho de 1979
Número 11

H. T. REZA, Director Geral
JORGE DE BARROS, Director
ACÁCIO PEREIRA, Redactor
ROLAND MILLER, Artista
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES,
Administradora

O ARAUTO da Santidade

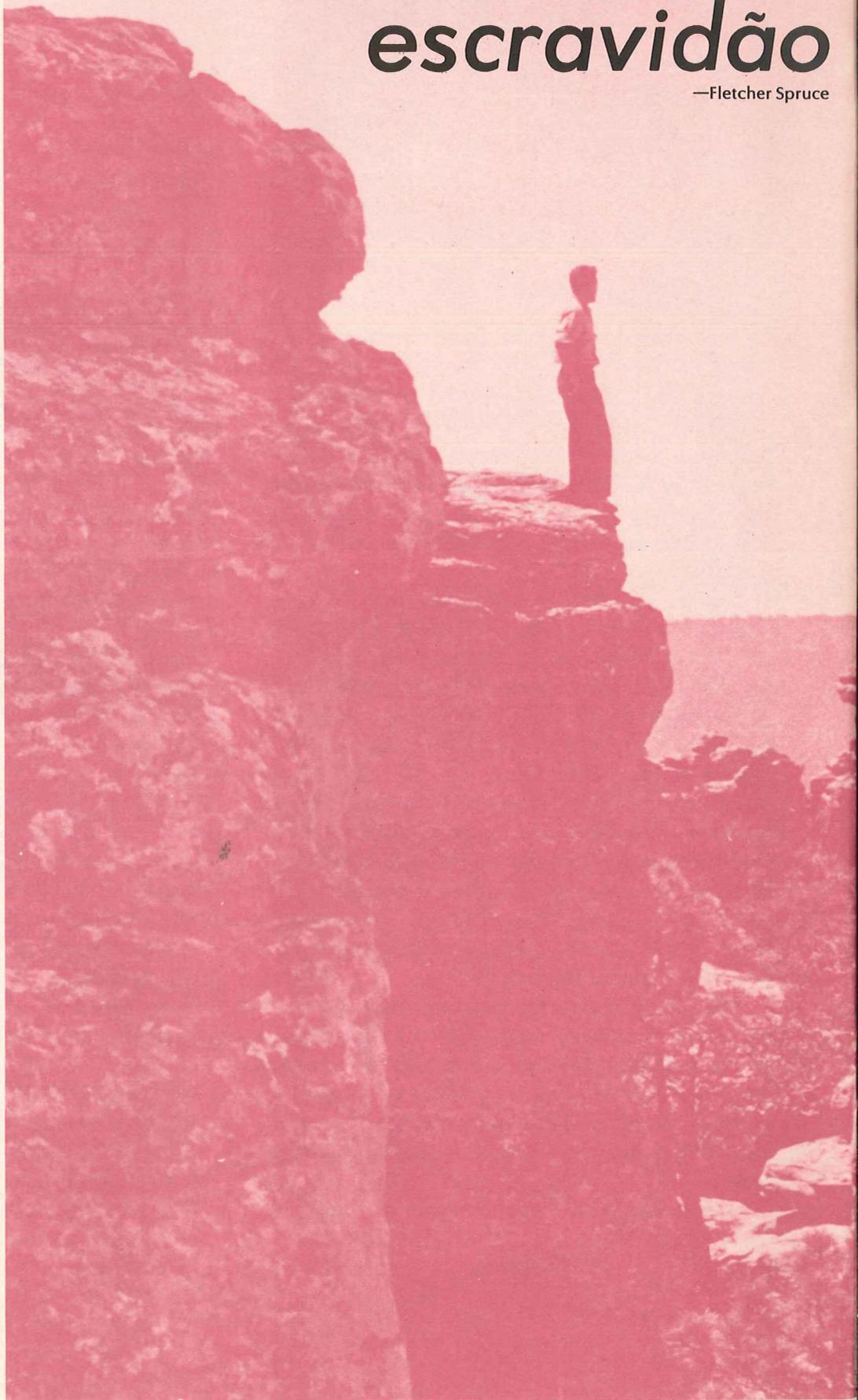
CAPA: "Liberdade" — trabalho exposto na sede das
Nações Unidas. Foto: J. B.

O ARAUTO DA SANTIDADE é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente pela Junta Internacional de Publicações—Português—da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.\$2,00; número avulso, U.S.\$,10. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE is published semi-monthly by the International Publications Board—Portuguese—of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, U.S.A. Subscription price: \$2.00 a year in advance; single copy, 10 cents. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.

à beira da escravidão

—Fletcher Spruce



Quais são os sinais da iminência da escravidão? Retrocedamos 26 séculos, aproximadamente, quando Israel estava prestes a ser levado para o cativeiro de Babilônia e vejamos se os mesmos sinais são evidentes na sociedade contemporânea. Jeremias 5 especifica-os:

1. *A cegueira voluntária de muitas pessoas* (v. 21). Fecharam os olhos às condições morais e espirituais tão baixas em que viviam. Até os "bons" pareciam não prestar atenção — não denunciavam a maldade que os rodeava.

2. *A falta de reverência* (v. 22). Deixaram de temer a Deus — de respeitar a Sua Palavra — de obedecer aos Seus mandamentos.

3. *A rebeldia do coração* (v. 23). Revoltaram-se, primeiro, contra os ensinamentos espirituais e, depois, contra toda a direcção moral.

4. *Tinham contratos com traficantes de escravos* (v. 26).

5. *Enganaram para conseguir os seus maus propósitos* (v. 27). A "mentira" não é arma nova. Os judeus usaram-na com eficácia — e enganaram-se a si próprios.

6. *As suas riquezas levaram-nos à perdição* (v. 27).

7. *Passaram por alto a maldade* (v. 28). Não só os ímpios, mas também as pessoas boas. Não levantaram a voz, nem um só dedo de protesto contra a maldade. Passaram, sem dar conta, da liberdade à escravidão babilónica.

8. *Os pregadores emudeceram* (v. 31) e não cumpriram a sua chamada divina. Anunciavam mentiras em vez da Palavra de Deus.

9. *O povo não quis disciplinar-se* (v. 31).

Toda a gente desprezou as normas morais estabelecidas, o caminho da disciplina. Os falsos pregadores receberam o apoio do povo.

Estamos nós, também, à porta dum cativeiro moderno, semelhante ao que sofreram os judeus na Babilónia? Está você a fazer algo da sua parte para o evitar?

Foto por Josef Muench

O EVANGELHO DO ESPÍRITO SANTO

—H. T. Reza

Nos últimos meses fiquei admirado com o que consegui aprender sobre o Espírito Santo. A razão é que me dediquei à tarefa de traduzir "A Teologia Bíblica". Este livro é uma joia de valor extraordinário.

O ensino acerca do Espírito Santo é o segundo em importância, apenas ultrapassado pela Pessoa e obra de Jesus Cristo. É mais proeminente no Novo que no Velho Testamento.

Quando se estuda, dá-se preferência por vezes, a questões secundárias. A verdadeira doutrina fica, assim, posta de lado.

Como exemplo, temos o movimento carismático a comprová-lo. Tem-se espalhado e progredido em países como Brasil, Chile, México e quase toda a América Latina. Há dias alguns amigos disseram-me que assistiram a uma reunião carismática num dos melhores hotéis da cidade e afirmaram ter ficado com boa impressão.

George Allen Turner diz que a razão da negligência do estudo acerca do Espírito Santo é que muitos têm medo de cair no fanatismo, outros ignoram as limitações da natureza humana e não falta quem afirme que esta doutrina tende a dividir os evangélicos.

Baseados na experiência dos 120 reunidos no cenáculo, há quem tome só os fenómenos físicos e os confunda com a experiência interna. Pode muito bem ser este o erro dos carismáticos. Há também os que aceitam apenas a ideia, o abstracto, o que não se pode ver nem ouvir nem tocar com os sentidos. Então concluem que o Espírito Santo não passa de uma influência, um vento, que determinados grupos aceitaram nos primeiros séculos da era cristã.

O Espírito Santo é uma Pessoa. Ele nos explica Cristo, como Cristo o faz acerca do Espírito Santo. Ele nos guia em toda a verdade, reveste de poder e capacita para viver. O Espírito Santo é a dinâmica que a igreja precisa e sem a qual não pode existir.

Para me exprimir melhor, o Espírito Santo deve morar em nós não só como força negativa — para exterminar tendências malignas do ser humano —, mas como força positiva: ser cheios de poder, alegria e dons celestiais.

Leia novamente o capítulo 2 de Actos e interprete para você mesmo o que a experiência dos discípulos representa para si. Será uma boa ideia para se lembrar do acontecimento maravilhoso do Pentecostes. □



—Antonio Nobre Leite

S. Paulo, Brasil

LIBERDADE TOTAL



Numa época quando tanto se fala dos Direitos Humanos, e quando por toda a parte é hasteada a bandeira da liberdade, é bom voltarmos para as afirmações de Jesus concernentes à liberdade e considerá-las de novo com maior interesse. Entre outras declarações feitas por Ele neste sentido, destaca-se a que vem no Evangelho de João, no capítulo 8, versículos 31 a 36: "Se o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres!"

A busca e a luta pela liberdade são coisa antiga. Em todas as épocas têm-se levantado homens combatendo a opressão imposta pelo arbítrio de alguns.

Em 1862, Victor Hugo, prefaciando a sua magistral obra "Os Miseráveis", escreveu: "Enquanto existir nas leis e nos costumes uma condição social que cria infernos artificiais em plena civilização, juntando ao destino que é divino por natureza, um fatalismo que provém dos homens; enquanto não forem resolvidos os três problemas do século: a degradação do homem pela pobreza, o aviltamento da mulher pela fome, a atrofia da criança pelas trevas; enquanto continuar em certas classes a asfixia social . . . livros desta natureza não serão de todo inúteis".

Visitei há relativamente pouco tempo a cidade de Petrópolis, no Estado do Rio de Janeiro. É um dos lugares mais aprazíveis que já tive o prazer de conhecer no Brasil.

Estando ali, visitei o seu Museu Imperial, de incontestável interesse histórico e turístico.

Entre as peças que me foi dado apreciar, encontra-se a famosa coroa que pertenceu a D. Pedro II, feita em 1871. É toda de ouro maciço e tem 639 brilhantes e 77 pérolas. Pesa 1 720 gramas. É realmente deslumbrante. Mas, numasala muito próxima à da coroa, também pude apreciar com profunda melancolia várias peças que recordam a escravatura no Brasil. Lá estão expostos todos os instrumentos de punição com que os escravos eram castigados. São palmatórias, grilhões, correntes . . . Em quadros, são reproduzidas as marcas impressas a ferro quente sobre a pele, pelas quais alguns proprietários distinguiam os seus escravos. Contudo, na mesma sala, emoldurada em lugar de destaque, um trecho de uma célebre carta da bondosa princesa Isabel, dirigida a seu pai, D. Pedro II, em 4 de Junho de 1871. A frase é simples: "Há muito por fazer . . . mas isto antes de tudo!"

A princesa referia-se à abolição da escravatura.

Tanto Victor Hugo, como a princesa Isabel, tiveram o nobre sentimento de querer o homem livre. Livre da escravidão imposta pelo homem seu semelhante. Prestemos a nossa homenagem a estes dois paladinos da liberdade e a quantos se têm levantado em defesa dos Direitos Humanos.

Contudo, temos de reconhecer que a maior das escravidões ainda é a imposta pelo pecado que traz, como consequência natural, vícios e paixões.

O apóstolo Paulo, por exemplo, sentia-se miserável e inútil sob o jugo do pecado. Num momento de profunda reflexão, diz: "O pecado, tomando ocasião . . . obrou em mim . . . me enganou e me matou" (Romanos 7:8-11).

Sim, é ele o maior dos tiranos, o que impõe a pior escravidão. Mas Jesus Cristo não quer o homem desesperado sob o império do mal. Ele vivamente declara:

"Se eu vos libertar, verdadeiramente sereis livres!"

Jesus Cristo é quem pode libertar o coração humano de pecados e de temores. Assim, "lancemos sobre ele toda a nossa ansiedade, pois ele cuida de nós" (I Pedro 5:7). E, por Ele, sejamos verdadeiramente livres. □

Artigo Negligenciado

—John A. Knight

O Dr. E. Stanley Jones, missionário metodista durante muitos anos, disse: “A verdade do Espírito Santo é o mais negligenciado artigo do credo. É a terra ainda por descobrir do cristianismo, o continente desconhecido da vida cristã, o lugar onde os nossos recursos espirituais carecem de desenvolvimento”.

Todo o cristão sincero está grato ao Senhor pelo interesse na pessoa e obra do Espírito Santo verificado nos últimos tempos. Mas, apesar de tal interesse, é possível que muitos crentes ainda não tenham experimentado a plenitude do Espírito.

Que significa Pentecostes?

Entre os hebreus, Pentecostes era uma das festas anuais. Celebrava-se sete semanas depois da Páscoa. Com ela se agradecia a Deus a colheita dos cereais e a dádiva das tábuas da lei.

O cristianismo observa o Pentecostes no sétimo domingo depois da Ressurreição do Senhor, em comemoração da descida do Espírito Santo sobre a igreja de Jerusalém.

Pode-se recordar o dia sem se experimentar a obra do Espírito Santo. Muitos celebram esse dia como mais uma data do calendário da igreja. Ouvem um sermão sobre o tema, lêem a passagem correspondente do capítulo dois de Actos e cantam um hino sobre o Espírito Santo. Mas a obediência é melhor que a simples observação ritual.

Depois da Sua ressurreição, Jesus ordenou aos discípulos que ficassem em Jerusalém até serem revestidos de poder . . . “sobre vós envio a promessa do meu Pai . . . Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há-de vir sobre vós . . .” (Lucas 24:49; Actos 1:8).

Dez dias de oração e preparação culminaram com o cumprimento da promessa de Jesus. O Espírito Santo foi dado no Pentecostes para estabelecer e conceder poder à Igreja de Jesus Cristo.

No Velho Testamento o Espírito do Senhor desceu sobre alguns indivíduos escolhidos, como juízes e profetas, preparando-os para uma missão ou tarefa especial. Mas o Espírito não os tornou justos ou santos. Nem desceu sobre eles para morar para sempre no seu coração. Por isso, João comentou: “Porque o Espírito Santo ainda não fora dado, por ainda Jesus não ter sido glorificado” (como santificador — João 7:39).

O Pentecostes assinalou o princípio da dispensação do Espírito Santo. Desde esse dia constituiria a dádiva permanente do Pai à Igreja. A lei passou a escrever-se não só nas tábuas de pedra, mas também no coração do homem.

O aspecto perdurável do Pentecostes — “a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos e a todos os que estão longe . . .” (Actos 2:29) — é apresentado claramente pelos escritores do Novo Testamento, alguns dos quais foram testemunhas do primeiro Pentecostes cristão.

Pedro, anos mais tarde, comparou a sua experiência em casa de Cornélio (Actos 10) com a dos discípulos no cenáculo (Actos 2): “E Deus, que conhece os corações, lhes deu testemunho, dando-lhes o Espírito Santo, assim como também a nós; e não fez diferença alguma entre eles e nós, purificando os seus corações pela fé” (Actos 15:8-9).

João identificou este elemento perdurável do Pentecostes como *conhecimento pessoal* de ser filho de Deus. Esclareceu como se pode estar certo disso: “Porque amamos os irmãos . . .” e “guardamos os seus mandamentos” (I João 3:14; 2:3).

Paulo, que estabeleceu os alicerces da igreja entre os gentios, falou da *morada e testemunho* do Espírito: “Mas, o que nos confirma convosco em Cristo, e o que nos ungiu, é Deus, o qual, também, nos selou e deu o penhor do Espírito em nossos corações” (II Coríntios 1:21-22).

Pureza de coração, amor perfeito, testemunho pessoal do Espírito — são evidências perduráveis do Espírito Santo na nossa vida.

Onde quer que tais evidências se manifestem com a presença do Espírito, há poder. Poder que o cristão cheio do Espírito Santo recebe, não tanto para fazer determinadas coisas, mas para *ser* — levando com a ajuda divina uma vida aceitável a Deus. É a obra eficaz e interior do Espírito Santo que dá força ao crente para testificar “da ressurreição do Senhor Jesus” (Actos 4:33).

No Pentecostes, os discípulos — revestidos de fé e purificados — renderam-se, foram santificados e capacitados. Enquanto estas condições e características não tipificarem os que formam o corpo de Cristo, a verdade do Espírito Santo, no seu sentido mais profundo, será “o mais negligenciado artigo do credo”. □

Um dos sinais inaugurais da descida do Espírito Santo no Pentecostes foi "um som, como de um vento veemente e impetuoso" (Actos 2:2). Richard Weymouth traduz por "explosão violenta". A palavra "explosão" levamos a pensar no poder divino que Jesus prometera aos Seus discípulos. A igreja de hoje, também poderia aproveitar semelhante explosão! Consideremos os resultados operados nos primeiros discípulos de Cristo.

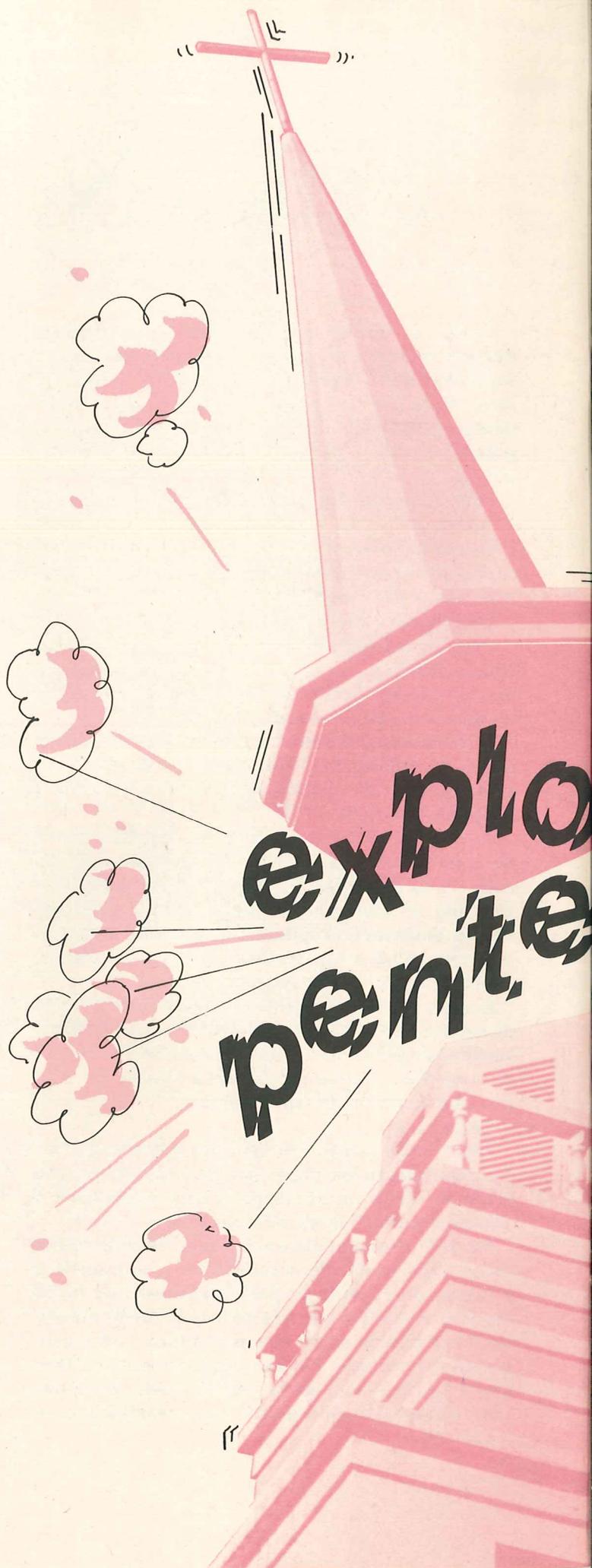
1. A explosão pentecostal induziu a igreja a acção. Lemos em Actos que os discípulos "começaram a falar" (v. 4). Halford Luccock disse algures: "É um dia muito especial, quando alguém desce do pedestal para a arena da vida". A descida do Espírito Santo incitou a igreja a sair para testificar. Os discípulos não podiam permanecer simples espectadores perante os acontecimentos. Envolveram-se no mundo perdido. Começaram a falar com poder e a testificar das "grandezas de Deus" (v. 11).

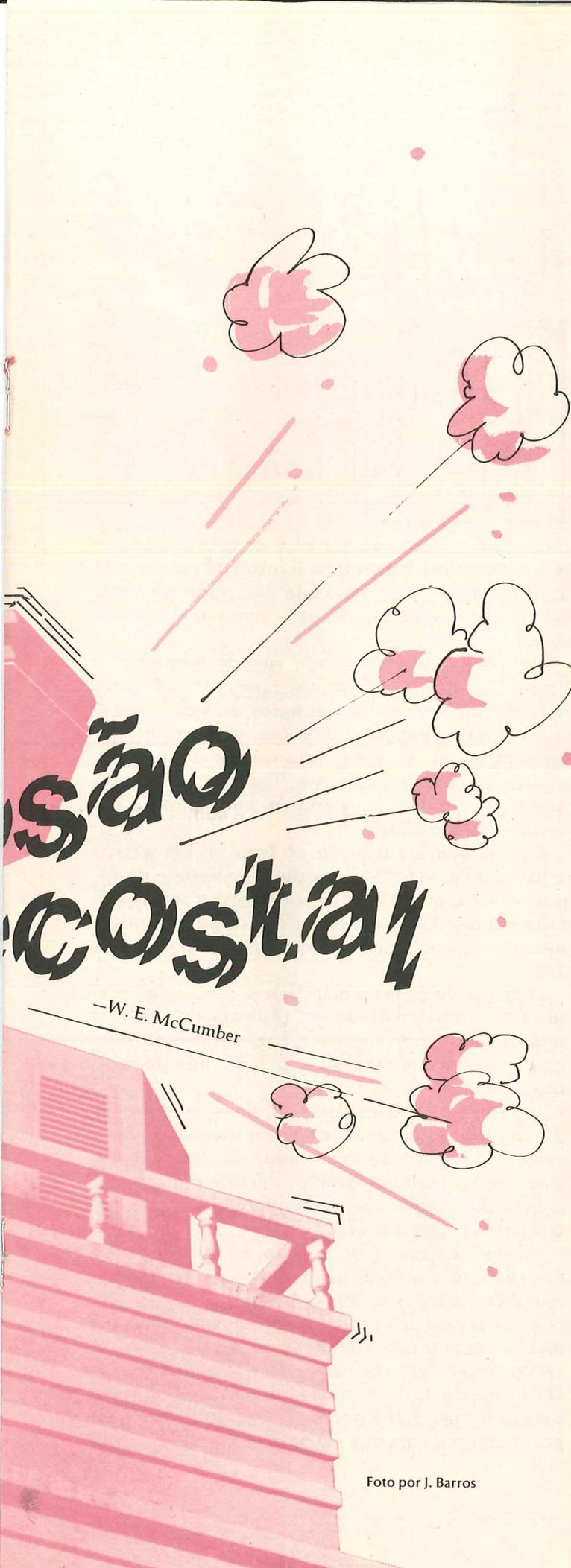
Um povo cheio do Espírito Santo não pode ficar indiferente, enquanto tanta gente se submerge no pecado a caminho do inferno. Certo pregador, depois de ter exposto um sermão excelente, foi entrevistado por dois membros. "Quero que você saiba", disse a senhora, "que o meu marido e eu temos permanecido aqui fiéis à igreja durante mais de vinte anos". O pregador explicou-lhes que essa era uma atitude negativa; e convidou-os a saírem para trabalhar a favor do reino de Deus. A plenitude do Espírito Santo nos nossos corações utilizará as nossas energias e talentos no serviço de Deus e do povo.

2. A explosão pentecostal sacudiu o mundo com convicção. Os que ouviram a pregação de Pedro "compungiram-se em seu coração" (v. 37).

Uma igreja que testifica capta a atenção do mundo. "Cada um os ouvia . . . e todos pasmavam e se maravilhavam" (vs. 6-7). Quando a igreja falou, abriram-se os olhos e ouvidos do mundo.

E uma igreja que testifica pode penetrar o coração do mundo. Lake e Cadbury traduzi-





Explosão Pentecostal

—W. E. McCumber

Foto por J. Barros

ram assim o v. 37: "Foram feridos no seu coração". O Pentecostes capacitou os cristãos a falarem de Jesus de modo que os corações dos ouvintes fossem feridos, convencendo-os do pecado e da culpa, e levando-os a exclamar: "Que faremos, varões irmãos? Weymouth explica: "Literalmente, feriu-os no mais profundo, como com uma espada". A pregação pentecostal revelou os pecados dos ouvintes.

Stanley High escreveu uma crítica acerca do teor comprometido da pregação moderna. Queixou-se que em várias igrejas evangélicas recebeu palmadas nas costas, quando verdadeiramente o que precisava era um pontapé! A mensagem do Pentecostes esclareceu que o evangelho pode ser pregado com amor e, ainda, convencer o homem do seu pecado.

3. A explosão pentecostal conduziu o pecador arrependido à salvação. "E todos os dias acrescentava o Senhor, à igreja, aqueles que se haviam de salvar" (v. 47).

A espada que penetrara o coração dos ouvintes, acabou por se transformar em foice para recolher os frutos da colheita. Pelas portas abertas do reino de Deus entraram três mil almas e, em breve, outras mais se lhes juntaram! Uma igreja cheia do Espírito que prega a Palavra do Senhor, será usada para que muitos regressem ao caminho da justiça. Os métodos e ginásticas a que recorrem homens fracos para alcançarem o alvo de membros, constituem um comentário trágico acerca da condição de muitas igrejas actuais. "Quando Ele vier", a igreja conseguirá levar o homem a um encontro real com Jesus.

Paul Scherer fez a pergunta seguinte: "É o Pentecostes apenas assunto de investigação, ou pode ocorrer novamente? É um dia que pertence à história do passado, ou um novo acontecimento na nossa vida?" A resposta encontra-se nas palavras de Pedro: "A promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos e a todos os que estão longe; a tantos quantos Deus, nosso Senhor, chamar" (v. 39). Todo o seguidor de Cristo pode, hoje, ser cheio do Espírito Santo! □

ESPÍRITO SANTO,

PUREZA E PODER

—W. T. Purkiser

Os nomes e títulos usados na Bíblia referentes a Deus são reveladores. Há muita teologia em cada um deles: Pai, Salvador, Amigo, Mestre e outros.

O uso das palavras "Espírito Santo" é dos mais insígnies atribuídos à terceira Pessoa da Trindade. O adjectivo "Santo" e o nome "Espírito" têm profundo significado.

"Santo" — como disse um erudito — é símbolo de pureza. Foi um dos primeiros atributos que Deus revelou de Si mesmo: "Santos sereis, porque Eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo" (Levítico 19:2).

O facto de Deus ser santo indica que é exaltado em majestade e glória, separado de tudo que é imundo. Todavia, significa algo mais. Quer dizer que Deus é a fonte de todo o bom, verdadeiro, justo e puro.

Uma vez que Deus é santo, o Seu Espírito também tem de o ser — fonte de bondade, verdade, justiça e pureza. Só por intermédio do Espírito de Deus é que se torna possível a obediência ao mandamento registado no Velho e Novo Testamentos: "Sede santos, porque eu sou santo" (I Pedro 1:15-16; Levítico 19:2).

Não se pode compreender que o Espírito de Deus batize ou encha recipientes sujos. Ele é fogo purificador (Malaquias 3:2-3; Mateus 3:11). Um dos Seus propósitos para a vida dos filhos de Deus foi declarado por Pedro: "Purificando os seus corações pela fé" (Actos 15:9).

Isto não quer dizer que fiquemos livres de provas, tentações, fraquezas e possibilidade de fracassar. Mas que somos "participantes da natureza divina" (II Pedro 1:4).

Porém, com o adjectivo "Santo" vem o substantivo "Espírito". Aqui é fácil passar em claro uma verdade importante. Para nós, "espírito" sugere algo frágil, intangível, não completamente real.

O sentido bíblico de "espírito" situa-se do lado oposto. É "intangível" no sentido de não se poder

tocar com as mãos ou ver com os olhos físicos — mas extraordinariamente poderoso e tão real como as montanhas. A electricidade não pode ser vista, saboreada, ouvida, ou tocada — mas é real e poderosa.

Para nós, "espírito" pode sugerir fraqueza; e "carne", poder. Nas Escrituras dá-se, precisamente, o contrário. No paralelismo típico do Velho Testamento, Isaías escreveu: "Porque os egípcios são homens, e não Deus; e os seus cavalos carne, e não espírito" (Isaías 31:3). Deus é "Espírito" e "importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade" (João 4:24).

Em que consiste o poder do Espírito? Em serviço activo e diligente: "Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há-de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da terra" (Actos 1:8).

O poder do Espírito manifesta-se em certas ocasiões com "sinais e prodígios" (Romanos 15:19), mas sempre com "todo o gozo e paz, em crença, para que abundeis em esperança, pela virtude do Espírito Santo" (Romanos 15:13).

A pureza e o poder são, pois, sinais inequívocos do Espírito Santo. Qualquer outro sinal secundário carece de verdadeiro significado. Não é o canto do galo que faz com que haja luz durante o dia, mas o crepúsculo. Não é preciso acender uma vela de manhã para ver se já nasceu o sol.

Vivemos na época do Espírito, quando o divino Paracleto se manifesta com poder — em todo o mundo e em todas as esferas da igreja.

A glória pela actuação do Espírito Santo deve ser dada a Deus e não a homens ou organizações. O secundário e derivado nunca deve substituir o principal e básico. Como o nosso Salvador, andemos em pureza (I João 3:3) e poder do Espírito (Lucas 4:14) para realizar a obra que Ele nos designou. □



“que quer isto dizer?”

—John W. May

O Pentecostes é, sem dúvida, o maior acontecimento ocorrido na igreja cristã desde o seu começo. Contudo, tornou-se campo de batalha no debate doutrinário que aumentou nos últimos anos.

Quando o Espírito Santo desceu sobre os discípulos no cenáculo, o evento causou perplexidade aos que os ouviam testemunhar. Como durante o ministério de Jesus, o povo exclamava: “Nunca vimos tal coisa!”

No capítulo 2 de Actos lemos que as pessoas se interrogavam: “Que quer isto dizer?” A pergunta ainda continua a ser feita e a merecer uma resposta clara.

Do lado negativo, o batismo com o Espírito Santo, então como hoje, não é um fenómeno natural. Não se tratava de embriaguez, segundo alguns pensavam. Com efeito Pedro respondeu aos que os acusavam, que não estavam embriagados, pois eram apenas 9 horas da manhã.

O Espírito Santo, ao descer sobre o crente, eleva-o à suprema felicidade. A manifestação da presença do Senhor sempre confundiu aqueles que a não compreendem ou desconhecem. Festo apelou para a instrução de Paulo ao procurar fazê-lo calar, quando testificava sob a inspiração do Espírito Santo: “Estás louco, Paulo; as muitas letras te fazem delirar” (Actos 26:24).

Não se tratava de batismo de desordem, confusão ou sentimentalismo exagerado. A atitude e acções das pessoas cheias do Espírito Santo, tanto há dois mil anos como em 1979, nunca podem ser firmadas na desordem; mas na ordem divina.

O mesmo se aplica ao seu comportamento espiritual. Discípulos genuínos conservam sempre testemunho positivo quanto à experiência da graça divina. Semelhante testemunho concede-lhes nota de autenticidade.

Enquanto o espírito de dissensão actua no mundo religioso actual, o verdadeiro Pentecostes nunca

causa divisão. De facto no Pentecostes todos os discípulos estavam unidos e de comum acordo, o que nem sempre acontecera antes. O Espírito Santo une, não divide. Cria amor e tolerância, nunca piedade superficial e críticas.

O Dr. J. B. Chapman disse que quando um homem é santificado, torna-se duro consigo mesmo e afável com os outros. Para muita gente do nosso tempo, o reverso é verdadeiro.

Do lado positivo, a resposta à pergunta: “Que quer isto dizer?”, é a presença de Deus. O que aconteceu no Pentecostes e o que acontece todas as vezes que um crente é inteiramente santificado, é o cumprimento da profecia de Joel em que um dia o Espírito seria derramado sobre os homens.

Quatro acontecimentos principais manifestaram a presença de Deus: vento impetuoso, línguas como de fogo que pousaram sobre cada um deles, a plenitude do Espírito Santo e o dom de línguas.

O dom de línguas tem sido considerado por alguns como evidência da presença do Espírito no coração e vida, apesar da ênfase ter passado da “linguagem” de Actos para as “línguas” dos coríntios. Por que não aproveitaram o vento impetuoso ou as línguas como de fogo? Eram tão genuínas como o dom de línguas e os milagres.

Há um sinal deixado que é, talvez, tão genuíno como os anteriores. A Escritura diz: “Todos ficaram cheios do Espírito Santo”. Uma experiência transformadora que indica o poder de Deus. Que outra força conseguiria mudar a sua cobardia em coragem, e fazer com que a eles se juntassem três mil convertidos? Que outra força orientaria os homens, que antes se escondiam amedrontados, a pregar e testemunhar?

Foi um poder directo, em ligação com o propósito de Deus para os crentes. Como Paulo escreveu a Tito, Jesus deu-Se por nós “a fim de remir-nos de toda iniquidade, e purificar para si mesmo um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras” (2:14).

“Que quer isto dizer?” “Pois esta é a vontade de Deus, a vossa santificação” (I Tessalonicenses 4:3). Foi a vontade de Deus para John Fleming que o levou a orar no quarto de sua mãe e a sair pelas ruas gritando: “Livrei-me do pecado”. Alguns podem ser como seu irmão Bona que orou e fez a mesma declaração, somente para que lhe dissessem: “O melhor é seguires John”.

“Que quer isto dizer? É E. Stanley Jones sendo impellido por Deus a orar por esta bênção. Ele disse que quando se levantou sem evidência, mas com fé, ficou repentinamente cheio do Espírito Santo. E o Espírito foi penetrando nele como um fogo, enquanto derramava lágrimas de alegria.

Esta é a vontade de Deus para todos os crentes de hoje, a provisão de Deus para o Seu povo, que Ele concede generosamente a quantos O buscam de todo o coração. □

O CONSOLADOR

Jesus Cristo falou do Espírito Santo que o Pai enviaria para completar a Sua obra. Chamou-Lhe Consolador: "Mas, aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito" (João 14:26).

O Espírito de Deus guiou e inspirou Jesus durante a Sua vida terrena. No batismo "o Espírito Santo desceu sobre ele, em forma corpórea, como uma pomba; e ouviu-se uma voz do céu, que dizia: Tu és o meu Filho amado, em ti me tenho comprazido" (Lucas 3:22). Noutras ocasiões: "E Jesus, cheio do Espírito Santo, voltou do Jordão" (Lucas 4:1); "Pela virtude do Espírito voltou Jesus para a Galileia" (Lucas 4:14); "O Espírito Santo é sobre mim" (Lucas 4:18).

Ao findar a Sua missão, Jesus prometeu aos discípulos que o Espírito Santo os elucidaria. O cumprimento dessa promessa encontra-se descrito em Actos 2:1-4.

Com a vinda do Espírito Santo, os discípulos transformados receberam novo poder "e todos foram cheios do Espírito Santo" (Actos 2:4). É o que acontece ainda hoje aos cristãos que fazem do mais recôndito do seu lar, um cenáculo de oração.

Antes do Pentecostes, os discípulos eram fracos e medrosos. Depois, tornaram-se corajosos e destemidos. O Espírito Santo formou e orientou a primeira comunidade cristã. A Sua acção é bem patente em Actos e nas Epístolas de Paulo.

Não se trata de simples vida divina em nós ou força impessoal. É mais que qualquer força ou influência. O Espírito Santo é uma Pessoa. Jesus sempre se referiu a Ele com o pronome pessoal: "Ele vos guiará em toda a verdade" (João 16:13). Como Pessoa tem vontade, inteligência e emoções. O Espírito Santo ordena e escolhe: "Foram impedidos pelo Espírito Santo de anunciar a palavra na Ásia" (Actos 16:6). Ele sabe e julga: "O Espírito Santo . . . esse vos ensinará todas as coisas" (João 14:26); "E aquele que

sonda os corações sabe qual é a mente do Espírito" (Romanos 8:27). Também reage perante os acontecimentos: "Não entristeçais o Espírito Santo de Deus" (Efésios 4:30).

Mas é uma Pessoa diferente de nós. É a terceira Pessoa da Trindade divina. Ele é Deus. Possui todos os atributos de Deus: onnipotência, onisciência, omnipresença, santidade, amor, perfeição. Deus é Uno em essência e Trino em Pessoas: Pai, Filho, Espírito Santo.

"Quando ele (Espírito Santo) vier, convencerá o mundo do pecado, e da justiça e do juízo" (João 16:8). O Espírito Santo mostra ao homem o seu pecado para que se dirija ao Salvador em demanda do perdão; a justiça como dádiva de Deus e não fruto do homem; e o juízo lembrando que um dia teremos de prestar contas a Deus.

O Espírito Santo é essencialmente amor — característica proeminente nos discípulos do Senhor: "Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros" (João 13:35). O amor mútuo levou a igreja primitiva a crescer. Todos compartilhavam dos mesmos sentimentos:

1. Sob a autoridade dos Apóstolos.
2. Pregando as boas novas de salvação em Jesus Cristo.
3. Acrescentando à comunidade cristã novos membros.
4. Celebrando juntos a Santa Ceia.
5. Tendo todas as coisas em comum.

Ainda hoje o Espírito Santo guia as igrejas que têm as mesmas características. Ele habita não só na igreja, como um todo, mas também em cada membro em particular.

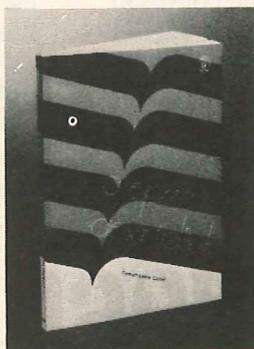
Através do Seu Espírito, Cristo está agora mais que nunca envolvido nas nossas tarefas e vida. Glorificado, opera no nosso meio pelo Espírito Santo: "Eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre" (João 14:16). □

—Acácio Pereira

páginas de fogo

Um livro dinâmico
que revolucionará
a sua vida.

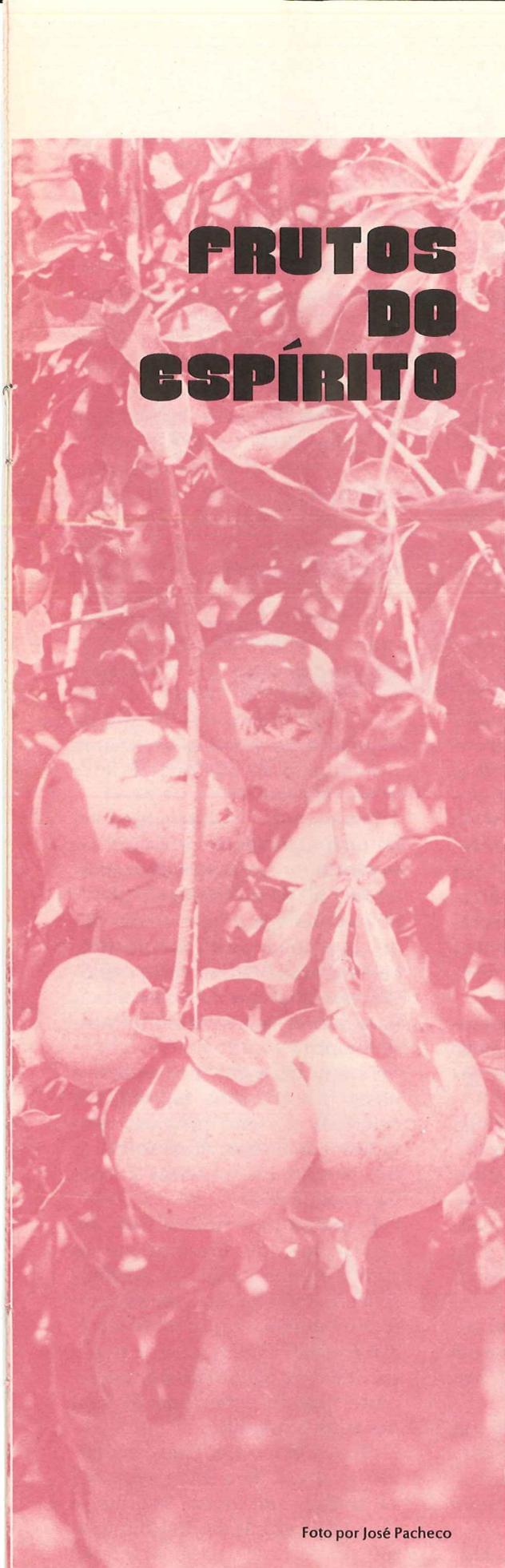
O ESPÍRITO DE SANTIDADE
—E. Lewis Cattell



Sete capítulos absorventes:

- I. O Elemento Tempo na Salvação
- II. A Santificação do Eu
- III. A Vida Controlada pelo Espírito
- IV. A Direcção do Espírito
- V. Orando no Espírito
- VI. A Unidade do Espírito
- VII. Definição do Amor

Encomende o seu exemplar à
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES
Preço—U.S.\$1.50



FRUTOS DO ESPÍRITO

Foto por José Pacheco

Jesus explicou aos Seus discípulos a verdade que Deus tem um propósito específico para cada homem.

No Sermão da Montanha advertiu-os contra os falsos profetas, que têm aparência de ovelhas, mas que são lobos vorazes. E acrescentou: "Pelos seus frutos os conhecereis" (Mateus 7:16).

Nos versículos seguintes explicou a que espécie de frutos se referia, fazendo a aplicação com a árvore boa e a árvore má. A natureza da árvore determina a qualidade dos frutos que produz. Esta lei natural foi estabelecida por Deus desde o princípio do mundo, desde a criação (Gênesis 1:12).

O Mestre disse: "Não julgueis, para que não sejais julgados" (Mateus 7:1); e também nos recomendou que inspecionássemos cuidadosamente os frutos.

Nesta passagem, o Senhor introduz os discípulos à santidade prática. Só as pessoas santificadas produzem bons frutos.

Em certa altura, quando ensinava um grupo de meninos na Escola Dominical da minha igreja, perguntei-lhes que frutos dão a macieira, a laranjeira, a figueira, a mangueira e outras árvores. A pergunta era fácil e todos responderam bem. Depois aponte para uma macieira brava plantada no terreno da igreja desde há muito, e perguntei-lhes que espécie de maçãs produzia. Todos responderam: "Maçãs azedas!" Sabiam por experiência própria que não dava fruto saboroso. Todos concordavam com a lei da natureza citada antes.

O homem foi criado à imagem de Deus, perfeito e santo, virtude que perdeu no momento em que pecou. Desde então principiou no seu interior uma rebeldia contra Deus. A sua natureza contaminou-se e, para nossa desgraça, o mal afectou toda a sua posteridade. Por isso, o pecado é herança da natureza humana (Romanos 3).

Não obstante, Deus enviou Seu Filho para destruir o pecado e Satanás. Cristo disse a Nicodemos: "Aquele que não nascer de novo não pode ver o reino de Deus" (João 3:3). O novo nascimento destrói o fruto do pecado; mas, a natureza humana corrompida, autora do acto mau, permanece dentro do crente causando transtornos espirituais. O apóstolo Paulo chamou a esta desordem espiritual interna "a lei do pecado", "homem velho" que, como todo o pecado, deve ser destruído. Quando Jesus Cristo foi crucificado, "o nosso homem velho foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, para que não sirvamos mais ao pecado" (Romanos 6:6).

Em Romanos 8:2, Paulo afirma que a lei do Espírito de vida em Cristo Jesus livra o homem da lei do pecado e da morte.

O crente recebe nova natureza quando Deus o purifica. Por outras palavras, a árvore velha corta-se, lança-se no fogo e substitui-se por outra de santidade que produz novos frutos: "Mas agora, libertados do pecado, e feitos servos de Deus, tendes o vosso fruto para santificação e, por fim, a vida eterna" (Romanos 6:22).

Só os que experimentaram a inteira santificação podem produzir os frutos do Espírito: "Amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança. Contra estas coisas não há lei" (Gálatas 5:22-23).

Jesus Cristo disse: "Eu sou a videira, vós as varas; quem está em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim, nada podeis fazer" (João 15:5). □

—Ted L. Robinson

GRANDE DIFERENÇA

—William Fisher

Certa tarde, alguns estudantes universitários conversavam sobre assuntos religiosos. Um deles mencionou que ao ficar cheio do Espírito Santo ocorrera grande mudança na sua vida.

“Em que consistiu, exactamente, essa mudança?”, perguntou uma das meninas presentes — filha de pastor e aluna do último ano da faculdade.

Na nossa época em que os ventos do Espírito sopram em muitas universidades, igrejas e vidas, não falta quem faça a mesma pergunta — especialmente os cristãos que sentem necessidade de um alvo na vida e que Deus os conduza a maiores alturas espirituais.

Porém, aqueles que já experimentaram a transformação pentecostal e se regozijam no poder purificador do Espírito Santo, sabem que é uma experiência dramática e instantânea. Tem o cunho duma mudança espiritual — mudança tão maravilhosa que os leva a deixar o que não estava bem na vida anterior.

Assim tem acontecido desde o primeiro Pentecostes.

O apóstolo Pedro, por exemplo, nunca esqueceu — nem desejava que outros o fizessem — o dia em que ele recebeu a plenitude do Espírito Santo. Testificou diante de milhares de pessoas: “Isto é o que foi dito pelo profeta Joel . . .” (Actos 2:16). E, no decorrer dos anos, sempre afirmou a grande diferença operada na sua vida antes e depois dessa maravilhosa experiência.

Desde o primeiro Pentecostes até hoje, muitas pessoas têm imitado Pedro ao afirmarem a mudança experimentada nos seus corações e vida quando recebe-

ram a plenitude do Espírito; a “segunda bênção”, no dizer de Wesley; ou o batismo com o Espírito Santo, segundo declaração de Jesus.

“E, cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar . . . E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem” (Actos 2:1-4).

Ao longo dos anos quantos têm recebido o Espírito Santo compararam a sua vida anterior ao Pentecostes — com fraquezas, falhas e misérias — à paz, sossego e poder de uma vida na plenitude do Espírito. E declaram alegremente: “Sim, era a esta experiência que Pedro se referia. Dela testificaram Wesley, Tinney e Bresee. Pela graça de Deus, falar-se-á e viver-se-á esta experiência gloriosa até o Senhor reunir no céu o Seu povo.

Mas, quais as mudanças operadas nos discípulos no primeiro Pentecostes? Qual a sua vida antes dessa experiência?

Naturalmente, a mudança não se referia à conversão dos pagãos. Pois antes do Pentecostes, os discípulos tinham seguido Jesus, como se comprova na Sua oração: “Não são do mundo, como eu do mundo não sou . . . são teus” (João 17:16, 19). E também quando Jesus disse aos discípulos: “Alegrai-vos, antes, por estarem os vossos nomes escritos nos céus” (Lucas 10:20).

Durante os três anos anteriores ao Pentecostes os discípulos pregaram, expulsaram demónios, curaram doentes e se identificaram com a causa de Cristo.

Todavia, mesmo com tais cre-

denciais, ao olhar para trás, ao voltar à realidade, às pressões da multidão e aos acontecimentos da Semana Santa, os discípulos ignoraram, negaram ou denunciaram o Senhor.

Mas isso foi antes do Pentecostes!

Que mudança verificada então! Nesse dia histórico foram “todos cheios do Espírito Santo”. A promessa de Cristo tornara-se realidade. Desde então desfrutaram do poder dessa bendita presença — poder para viver vitoriosamente e para testificar com eficácia.

Nunca mais, após o Pentecostes, os discípulos negaram o Senhor, ou fugiram em momentos difíceis. Pelo contrário, depois de uma vida de dedicação e serviço, todos sofreram o martírio.

Que contraste na eficácia do seu *testemunho* “antes” e “depois” do Pentecostes! Depois da plenitude do Espírito, realizaram mais *num só dia* que nos três anos de serviço anteriores.

Precisamos, verdadeiramente, de uma experiência espiritual semelhante à deles! Um Pentecostes actual, uma infusão de poder que só Deus pode dar — um poder que unirá, purificará, fortalecerá e produzirá uma nova explosão espiritual que ofuscará e acabará com o mundanismo do nosso tempo!

Temos baseado, por vezes, a nossa fé em êxitos espirituais e eclesiásticos, em prédios, reuniões ecuménicas, ritual sofisticado, pregadores loquazes e boas relações públicas.

É tempo de ajoelharmos no “cenáculo”, de orarmos até os nossos corações arderem de amor e ficarem cheios do Espírito Santo. Este é o único que pode vitalizar a nossa vida, activar o nosso serviço e capacitar-nos a anunciar neste mundo pervertido as boas novas do evangelho.

Que o povo de Deus experimente por toda a parte uma nova unção, um novo batismo e uma nova efusão do Espírito Santo! □

EDITORES DA JUNTA INTERNACIONAL DE PUBLICAÇÕES PARTICIPAM EM REUNIÃO NAS NAÇÕES UNIDAS



Foto: Nações Unidas

Paul Hartling, Alto Comissário da ONU para Refugiados; William C. Powell (moderador), Director dos Serviços de Informação da Associação das N.U.; e Thomas McElhiney, Comissário-Geral da Agência de Socorro e Trabalho para Refugiados Palestinos no Médio Oriente — respondem a perguntas apresentadas pelos escritores.

Jorge de Barros e José Pacheco, membros da J.I.P., foram dos 120 jornalistas, em representação de 109 publicações, presentes para um encontro de carácter internacional realizado nas Nações Unidas.

Os tópicos discutidos incluíram A Missão da Manutenção da Paz, O Ano Internacional da Criança, Assistência a Refugiados, Assistência aos Órgãos de Informação Religiosos, Comissões e Projectos das Nações Unidas.

Durante o encontro com os participantes, o Secretário-Geral Kurt Waldheim, esboçou a agenda das Nações Unidas e referiu-

-se com apreço à missão da imprensa religiosa. Jean Young, promotora do Ano Internacional da Criança, pediu a participação de todos neste importante acontecimento. O Embaixador Andrew Young deu uma conferência de imprensa na qual dialogou com os escritores.

De outras comunicações importantes, destacamos as dos seguintes: Robert Muller, director do Conselho Económico e Social; Paul Harting, Alto Comissário para Refugiados; Thomas McElhiner, Comissário Geral para Socorro e Agências de Trabalho para Refugiados Palestinos; Brian Ur-



Foto J. Krahn

Andrew Young, Embaixador dos Estados Unidos, dá aos escritores o seu ponto de vista pessoal quanto a questões que lhe foram postas.

guhart, Sub-Secretário Geral para Questões Políticas Especiais.

Muitos Embaixadores e membros graduados das Nações Unidas juntaram-se aos jornalistas para um almoço e sessão de esclarecimento. Um painel de representantes de organizações religiosas não-governamentais acreditadas na ONU frisou o impacto das comunidades religiosas neste organismo internacional.

O evento foi acolhido e programado pela Associação das Nações Unidas. Patrocinaram-na as seguintes organizações: Press Associada da Igreja; Associação da Press Católica; Associação da Press Evangélica; Associação da Press Judaica-Americana. Fundos para o encontro foram recebidos das Publicações Claretianas. □

— Serviço Nazareno de Informação



Com elementos da Press católica, Jorge de Barros (4.º, da esquerda) escuta a comunicação do Secretário-Geral da ONU.



Kurt Waldheim, Secretário-Geral da ONU, e Peggy Sanford Carlin, Vice-Presidente da UNUSA, durante o encontro com os escritores, na câmara do Conselho de Tutela das Nações Unidas.

IRI •
EUROPAISCHE BIBELSCHULE AND SEMINAR PHH
POSTFACH 109
8201 SCHAFFHAUSEN
SWITZERLAND



SANTIDADE

a exigência de Deus.

Leia obras consagradas sobre este tema vital:

Encomende hoje à

CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES.